



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH**

**A DESTRUIÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NA SÍRIA E A  
OBLITERAÇÃO DA MEMÓRIA**

João Bosco Pereira dos Santos

Brasília – DF  
2021

## A DESTRUIÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NA SÍRIA E A OBLITERAÇÃO DA MEMÓRIA

João Bosco Pereira dos Santos<sup>1</sup>

Dr. Virgílio Caixeta Arraes<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objeto de estudo a destruição ocasionada pelo grupo terrorista Estado Islâmico em regiões da Síria e do Iraque. Para alcançar o objetivo proposto, busca-se compreender a natureza bem como as consequências dos atos de integrantes do ISIS. Diante desse quadro, a memória materializada se torna um objeto frágil, alvo de disputas e sujeita a desaparecer perante a poeira da destruição. A memória e o patrimônio se tornam objetos de estudo centrais para se entender as consequências da destruição do patrimônio cultural, e a cidade histórica de Palmira se torna a principal atriz em um triste teatro de guerra e esquecimento.

**Palavras-chave:** Patrimônio; Memória; Estado Islâmico; Síria; Iraque.

**Abstract:** This article has as object of study the one caused by the terrorist group Islamic State in regions of Syria and Iraq. To reach the proposed objective, to seek to understand the nature as well as the consequences of the acts of ISIS members. Faced with this situation, a materialized memory becomes a fragile object, the subject of disputes and found to disappear before the dust of destruction. Memory and heritage become objects of study to understand themselves as consequences of the destruction of cultural heritage, and the historic city of Palmira becomes the main actress in a sad theater of war and oblivion.

**Keywords:** Patrimony; Memory; Islamic State; Syria; Iraq.

### 1 INTRODUÇÃO

Em meados de 2014, o grupo terrorista autoproclamado como Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS) atingia seu ápice, chegando a declarar, um califado nas regiões pertencentes à Síria e ao Iraque. Durante esse período tão conturbado do Oriente Médio,

---

<sup>1</sup> Aluno de Licenciatura em História da Universidade de Brasília. Artigo apresentado ao Departamento de História da Universidade de Brasília para obtenção do título de licenciado em História.

<sup>2</sup> Professor-orientador da Universidade de Brasília.

foram cometidos inúmeros crimes contra a humanidade, inclusive com a tentativa de “limpeza cultural” como descrito no relato de Irina Bokova (2014), diretora da UNESCO. Ao longo da história, a memória sempre esteve vulnerável às mudanças políticas e culturais do presente, ao qual nos remete a um constante olhar para o passado, que é seletivo e condicionado por grupos que a disputam.

O objetivo deste estudo é analisar e compreender os motivos e as consequências da destruição do patrimônio histórico, decorrente das ações do grupo terrorista Estado Islâmico, nas regiões da Síria e do Iraque. Para tanto, objetiva-se analisar de forma breve o contexto histórico e geopolítico que levaram à perda ou destruição de bens materiais e seus impactos nas sociedades onde se encontravam.

Por meio de uma análise sistemática da historiografia pertinente, bem como das fontes existentes acerca do objeto escolhido, esta análise se concentrará principalmente nos aspectos da discussão a respeito da destruição da memória material, tendo como gatilho para tal os acontecimentos na Síria e no Iraque.

Para melhor explicação do tema proposto, é necessário que se faça uma introdução geral de alguns tópicos que envolvem o assunto. Levam-se em conta as discussões sobre história e memória elaboradas por Le Goff, sobretudo o entendimento de que a memória remete a processos coletivos, de cunho psicológico, que possibilitariam a atualização de impressões ou informações passadas. De acordo com Le Goff, a relação entre história e poder é incontornável nas sociedades ocidentais, de modo que a lembrança e o esquecimento são utilizados como mecanismos de controle da memória coletiva.

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990 p.426).

Os conceitos norteadores da pesquisa serão construídos na trama das relações entre história e memória, particularmente aquelas avançadas pelos escritos de Pierre Nora (1981). Com ele, dispomos de um instrumento analítico para avaliar teoricamente a questão dos lugares onde a memória se cristaliza. Todavia, a condição ‘presentista’ contemporânea exige um enquadramento específico para os conceitos de Nora, os quais devem ser considerados à luz da aceleração do tempo histórico e suas consequências para a percepção das perdas materiais e culturais ocasionadas pela destruição de Palmira.

A consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação (...) Há locais de memória porque não há mais meios de memória”. Diante disso, busca-se adiante a intermediação da história, para o resgate daquilo que, enquanto prática social, estaria destinado a ser esquecido na sociedade contemporânea. Por meio da análise do artigo, podemos começar a retirar elementos-chave para a conceituação da memória (NORA, 1981, p. 7).

A partir da leitura dos textos apresentados com periódicos e também de artigos, este trabalho atingirá a proposta estipulada: dissertar sobre a memória e o patrimônio, a relação entre esses conceitos e as consequências geradas por sua degradação e perda.

## **2 MEMÓRIA E PATRIMÔNIO**

“Entre o século XIII e XIV, pode-se observar através de movimentos como o romantismo alemão e inglês uma valorização do passado, ali representando pelas ruínas, de acordo com Meneguello (200, p.3) “. “As ruínas possuem um poder evocador que, ainda que devotado ao fruir prazeroso estético, funciona como memento mori da finitude do homem e de seus feitos”. No século seguinte ganha força a valorização do patrimônio e da memória, com a restauração de centros urbanos, memoriais são construídos, datas nacionais (como a queda da Bastilha) e documentários históricos ganham importância, como se a memória se materializasse mundialmente (VOGT, 2009).

De acordo com François Hartog, as festividades em torno da memória impõem um calendário à vida pública, com as suas datas e o seu próprio ritmo. Para o historiador, Eric Hobsbawm, a preservação da memória coletiva se faz necessária para a identificação de um determinado grupo. De acordo com o historiador (1995):

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal a das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de

presente contínua, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem.

Por fim, interessa-nos examinar a noção de “lugares de memória” de Pierre Nora (2007). Os lugares de memória são, em primeiro lugar, lugares em um tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas [...]. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários e associações são os marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões de eternidade (NORA, 2007 p. 13).

### **3 HISTÓRIA DOS ESPAÇOS**

O cuidado e a proteção do patrimônio vêm sendo motivos de muitas preocupações por parte de acadêmicos, governos e organizações como a UNESCO. A diretora-geral da entidade, Irina Bokova, salientou a importância da preservação do patrimônio cultural. De acordo com a diretora (2014) “a destruição da cultura se tornou um instrumento de terror, em uma estratégia global para enfraquecer sociedades, propagar a intolerância e apagar memórias”.

Segundo Lygia Rocco, citada por PORTO e HORA (2018) foram realizadas diversas convenções desde o fim da Segunda Guerra, com a finalidade de proteção do patrimônio cultural, como a convenção de Hague para a proteção do patrimônio em conflitos. Segundo a Carta de Lausanne (1990) a definição de patrimônio arqueológico é:

Art. 1º O "patrimônio arqueológico" compreende a porção do patrimônio material para a qual os métodos da arqueologia fornecem os

conhecimentos primários. ... As políticas de proteção ao patrimônio arqueológico devem ser consideradas pelos planejadores nos níveis nacional, regional e local (ICOMOS, 1990I, p. 02).

Para Vogt (2009), o patrimônio cultural seria o “conjunto de todos os bens materiais e imateriais, que, pelo seu valor intrínseco, é considerado de interesse e de relevância para a permanência e a identificação da cultura da humanidade, de uma nação, de um grupo étnico”. A palavra patrimônio tem sua origem no latim, que significa “herança paterna”. Diante disso, patrimônio cultural pode ser compreendido como uma herança de um passado, com a qual a sociedade convive e transmite as futuras gerações

No ano de 1949, o diretor da UNESCO deu início aos trabalhos da Convenção para a Proteção dos Bens Culturais em caso de Conflito Armado, que ocorreria no ano de 1954, com a presença de 56 países em Haia, na Holanda. Tal evento é considerado até o presente como principal medida para a proteção do patrimônio cultural (FONSECA, 2017). De acordo com o seu artigo primeiro:

Os bens, móveis ou imóveis, que apresentem uma grande importância para o patrimônio cultural dos povos, tais como os monumentos de arquitetura, de arte ou de história, religiosos ou laicos, ou sítios arqueológicos, os conjuntos de construções que apresentem um interesse histórico ou artístico, as obras de arte, os manuscritos, livros e outros objetos de interesse artístico, histórico ou arqueológico, assim como as coleções científicas e as importantes coleções de livros, de arquivos ou de reprodução dos bens acima definidos.

O processo de proteção do patrimônio cultural seja ele, material ou imaterial, continua em discussão para a sua consolidação, em diversos campos como o político e o normativo. Em Paris em 1972, foi aprovado pela UNESCO a Convenção sobre a salvaguarda do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, definindo que:

Os monumentos. – Obras arquitetônicas, de escultura ou de pinturas monumentais, elementos de estruturas de caráter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse

arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico. (UNESCO, 1972).

A convenção de Paris definiu que o patrimônio cultural ou natural poderia vir a ser inscrito na Lista dos Bens do Patrimônio Mundial, com o objetivo de ser protegido pela cooperação dos signatários da convenção. Ao assinar a convenção de Paris, os países se comprometeram com a proteção do patrimônio dentro de suas fronteiras e na cooperação para a preservação dos Bens do Patrimônio Mundial (VOGT, 2009).

O Iraque consta como signatário da Convenção de Haia de 1954, ao qual visa proteger bens culturais nos casos de conflitos armados, bem como a Convenção para a Proteção de Bens Culturais em caso de Conflito Armado. Quando um país assina uma convenção, tem o dever de cumprir com os termos expressos no documento (PEREIRA; PAZ, 2018).

O estado Iraquiano consta como signatário das seguintes convenções que visam a proteção do patrimônio histórico, de acordo com a UNESCO (2015):

Convenção para a Proteção de Bens Culturais em caso de Conflito Armado com Regulamentos de Execução da Convenção (1967);

Protocolo à Convenção para a Proteção dos Bens Culturais em caso de Conflito Armado (1967);

Convenção Relativa às Medidas a Serem Adotadas para Proibir e Impedir a Importação, Exportação e Transferência de Propriedades Ilícitas dos Bens Culturais (1973);

Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural. Paris, 16 de novembro de (1974);

Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. (2003);

Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2013);

De acordo com Pereira e Paz (2018, p.23) “Incorporou as resoluções da Convenção do Patrimônio Mundial de 1972 para o direito nacional (juntamente com a Convenção de Haia de 1954 e as Resoluções da Convenção da Unesco de 1979) como base jurídica para a proteção da Babilônia”. Ao aderir à Convenção do Patrimônio

Mundial, o Iraque concordou em assegurar a proteção, conservação, valorização e transmissão às gerações futuras do patrimônio cultural e natural no seu território através de “medidas ativas e eficazes”.

#### **4 História DO ISLÃ**

É possível observar uma narrativa presente em parte do ocidente que é associar o Estado Islâmico como representante do Islã. Estes discursos podem ser observados em certas publicações e até mesmo em parte da mídia, onde se vinculam a essência cultural do Islã à violência e ao extremismo. Diante de tais interpretações, pode-se criar um imaginário de que a violência política estaria vinculada ao povo muçumano, de forma que seria uma característica do próprio islamismo. Grande parte dos muçulmanos afirma que o Estado Islâmico não os representa, pelo contrário, seria na verdade um grupo à margem da própria religião (CALFAT, 2015).

O surgimento e fortalecimento de grupos como o Estado Islâmico pode ser compreendido como resultado político de diversos contextos específicos. Diante disso se tornar essencial se compreender a sua origem, e analisar o contexto geopolítico, que propiciou a formação do referido grupo, (WALTON, 2014). Segundo os argumentos de Calfat (2015) “A bandeira religiosa é somente uma suposta forma de legitimar seu apelo através da qualificação do grupo como “islâmico”, diante disso se deve ter cuidado ao associar os terroristas como se fossem representantes de todos os muçulmanos.

De acordo com Harasta (2017), a separação entre os sunitas e xiitas tem sua origem após a morte do profeta Maomé, criando tensões e crises políticas entre as duas denominações, que se perpetuam até os dias atuais, em complexas relações geopolíticas no Oriente Médio

Apesar do consenso, as duas vertentes defendiam pontos diferentes; os sunitas, grupo majoritário, com cerca de 90% total dos muçulmanos, acreditavam que o profeta deveria ser um herdeiro legítimo. Caso não fosse dessa maneira, qualquer fiel poderia se candidatar à sucessão, com o consenso da comunidade. Já os xiitas seriam o grupo que

defendia que o sucessor fosse da família de Maomé, mas este só havia tido filhas mulheres, portanto o pretendido deveria ser um de seus genros: Ali ibn Abi Talib.

Os sunitas, os califas deveriam ser anciões da tribo do profeta. Por outro lado, os xiitas acreditavam que o sucessor deveria ser Ali – genro e primo-irmão do profeta e os seus descendentes.

Por diversas vezes, no início do Islã, o califa, além de líder religioso, também era o líder político do império, de forma que acabou por favorecer que o sunismo se tornasse a corrente maioritária. Este predomínio acabou por ser reforçador posteriormente com o Império Otomano e depois pelo domínio europeu (BARATA, 2007, ps. 05).

De acordo com Harasta (2017) “As interpretações religiosas permanecem como parte importante no debate entre sunitas e xiitas, mas é no contexto político que a revolta é travada, mais especificamente, ao candidato sucessor de Maomé”. Possaimai (2018) argumenta que “Com as nações sunitas tradicionais na Arábia Saudita e Egito de um lado e os xiitas no Irã e na Síria de outro, o que existe ali é nenhum sinal de mudança no horizonte, continuando essa guerra a ser cada vez mais relevante no futuro”.

Outro ponto importante de ser levantado é a formação geopolítica do Oriente Médio, em um contexto pós-colonial. Desde o início do século XX o Oriente Médio, passou por profundas reformulações geopolíticas, como por exemplo, a dissolução do Império Otomano, após o fim da Primeira Guerra Mundial, sendo dividido em 4 nações, ou a criação do Estado Israel (1948), juntamente com a saída das potências europeias. De acordo com Schiocchet (2011, p.47), “o que aconteceu com a região depois da libertação deste julga imperial é a chave para se entender o Oriente Médio hoje”. Ainda segundo o autor a Primavera Árabe, seria uma continuidade de um extenso processo histórico de consolidação de componentes nacionais, religiosos, étnicos, que constantemente se manifestaram em diversas revoltas na região.

## **5 GUERRA AO TERROR**

Segundo Patrick Cockburn (2014), os Estados Unidos e seus aliados no Ocidente criaram condições para o surgimento do ISIS. Com a invasão americana do Afeganistão (2001) e posteriormente do Iraque (2003), se criou uma ideia do fortalecimento da indústria bélica, estadunidense. De acordo com o pensamento de Chomsky (2004) um dos motivos da invasão do Iraque, seria a estratégia eleitoral republicana, onde se deveria avançar sobre a temática de segurança nacional, elencando o Iraque como uma ameaça aos Estados Unidos, por teoricamente portarem armas químicas e protegerem terroristas.

Consoante Cardoso (2017), os ataques de 11 de setembro organizados pelo grupo terrorista Al-Qaeda, contra a sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, localizado no condado de Arlington, Virgínia e o World Trade Center conseguiram atingir o seu objetivo principal, impactando símbolos da superpotência do ocidente. Entretanto trouxe os “infiéis”, diretamente para o seu quintal, criando um complexo campo de operações. A invasão do Afeganistão e posteriormente do Iraque serviu como retórica defensiva para a mobilização dos integrantes das organizações terroristas, como Al-Qaeda em prol da defesa de seus territórios, de forma a seu ponto de vista proclamar uma guerra contra os invasores estrangeiros a *jihad*.

De acordo com Ipince (2020), “o jihad tem que ser entendido como uma ideologia político-religiosa, que mistura a ideia de autoridade divina com o elemento simbólico de dever e ser um bom muçulmano”. A palavra árabe tem origem em *jhd* (luta ou esforço), que pode ser considerada mais um termo jurídico do que religioso. Os juristas muçulmanos fazem a distinção entre a guerra defensiva e a ofensiva.

A defensiva é empregada quando os valores do Islã são alvos de ataque ou quando o território islâmico é invadido, ou seja, vem no sentido da autodefesa. Por outro lado, a ofensiva promove a difusão do Islã pelos domínios da guerra. (WIKTOROWICZ, 2005, ps. 54).

## **6 A INVASÃO AO IRAQUE**

A invasão ao Iraque pelos Estados Unidos começou no dia 20 de março de 2003, tida como Operação Liberdade ao Iraque, tendo seu término em 1º de maio de 2003, sendo um sucesso, como o próprio país define. “Os americanos receberam apoio militar do

Reino Unido, Polônia, Austrália, com o dilema de Guerra Global contra o Terrorismo” (BBC, 2016).

O intuito real não seria desarmamento ou mesmo apaziguar tréguas, mas sim executar um plano que o Pentágono havia planejado para atacar oito países, sendo eles: Iraque, Síria, Líbano, Líbia, Irã, Somália e Sudão. Tudo isso aconteceu após o 11 de setembro, atentado contra os Estados Unidos, como já é de conhecimento. Porém, o Iraque se dispôs a se desarmar, não deixando nenhum arsenal nuclear, químico ou biológico. Além disso, os EUA acreditavam que o Iraque apoiava e financiava grupos terroristas, como o al-Qaeda, do regime de Saddam Hussein, mas tudo isso sem provas concretas (BBC, 2016).

Mesmo tendo essas controvérsias, houve a invasão com bombardeios aéreos em Bagdá, além de outros lugares que poderiam ter alguma importância militar dentro do país. Na maioria das batalhas travadas pelos EUA, não houve resistência do Iraque, uma por saber que o arsenal do país oposto era extremamente significativo, o que fez uma grande destruição na infraestrutura militar iraquiana (DW, 2017).

De acordo com Pereira e Paz (2018), o patrimônio cultural do Iraque, que já havia sofrido perdas monumentais com décadas de conflitos e sanções econômicas. As consequências da invasão de 2003 foram terríveis para o patrimônio cultural local. O descumprimento da convenção de Haia, mostra o desprezo pelo patrimônio cultural de uma das civilizações mais antigas da humanidade, onde os danos causados podem ser considerados irreparáveis.

Os danos causados pelo conflito foram devastadores para o patrimônio cultural iraquiano. O abandono com os monumentos, sítios arqueológicos, bibliotecas e artefatos patrimoniais teve continuidade com a guerra, fazendo com que muito dos seus patrimônios culturais fossem ali perdidos (PEREIRA; PAZ, 2018).

## **7 A ORIGEM DO ESTADO ISLÂMICO**

Conforme Chomsky (2015) os Estados Unidos criaram o pano de fundo a partir do qual o ISIS, surgiu e se fortaleceu, com a invasão do Iraque no ano de 2003. O desmantelamento das estruturas sociais após a invasão criou um clima de sectarismo entre os sunitas e xiitas, agravando ainda mais a difícil situação do país. De acordo com o linguista:

O Iraque já havia sido devastado dez anos antes com duas guerras, e uma série de sanções econômicas que dinamitaram a economia do país. A população passa a confiar no ditador Saddam Hussein, por uma questão de sobrevivência e meio a um cenário tão caótico (CHOMSKY, 2015, ps. 16).

Segundo Calfta (2015) o após a queda de Saddam Hussein houve por parte do governo xiita, estimulação a divisões sectárias, além de discriminação política e econômica da população sunita, tais atos alimentarem um sentimento de revolta nos sunitas. Complementando Chomsky (2015), narra que em 2002 era normal que sunitas e xiitas morassem no mesmo bairro, fossem amigos e até cassassem, não existiam uma divisão entre as duas denominações religiosas, entretanto tudo mudou após a invasão norte americana.

De acordo com Reginaldo Nasser, o surgimento do Estado Islâmico tem sua origem diretamente ligada ao desaparecimento do Estado Iraquiano, com a retirada de Saddam Hussein, pelos EUA e a coalizão ocidental. Segundo o autor:

A invasão do Iraque pelos EUA e o conseqüente desmantelamento do Estado Iraquiano são o ponto de partida para compreender as razões da origem do grupo. Um dos motivos de sua ascensão no Iraque deve-se ao fato do crescente alijamento da população de sunitas, dominado pelo governo do primeiro-ministro xiita Nuri al-Maliki. Cerca de 20% dos iraquianos, em torno de seis milhões nas províncias sunitas, foram excluídos do regime. Eles são constantemente perseguidos, não conseguem trabalho, trata-se de uma verdadeira punição coletiva, de jovens desempregados nas aldeias que não têm alternativa a não ser aderir ao ISIS. Na verdade, a unidade entre a resistência sunita e xiita sempre foi motivo de preocupação para os americanos, que fomentaram, desde o início da ocupação do Iraque, em 2003, as divisões

sectárias (CARTACAPITAL, 2015).

Reza Aslan explicou que parte do poder do ISIS vem de uma estratégia de usar os sentimentos que a população iraquiana tem após ser excluída de maneira sectária pelas autoridades governamentais. Aslan afirma que “a exclusão continuada dos sunitas tende a fortalecer grupos terroristas na região, como, por exemplo, pode ser visto na Síria com o regime de Bashar Hafez al-Assad”.

Com a queda de Saddam Hussein, os sunitas acabaram por serem excluídos do cenário político nacional. O Iraque passou a ser governado pela maioria xiita, e o seu primeiro-ministro Nouri Kamel al-Maliki, do Partido Dawa, consolidou uma política excludente sobre os sunitas, de forma a alimentar um sentimento de revanchismo diante do cerceamento dos direitos (LAUB; MASTERS, 2015 apud CAFAT, 2015, p. 03).

De acordo com Nasser, boa parte dos integrantes do ISIS seriam antigos militares de alta patente das forças armadas do Iraque; este fato explicaria parte do sucesso do grupo terrorista no campo de operações Iraquiano, com os seus integrantes tendo largas experiências em batalhas. Complementando Calfat, (2015, p. 04) argumenta que:

Os generais *bahatistas* foram subestimados pelo governo americano assim como os sunitas, criando um sentimento de revolta. Mais de 250.000 soldados iraquianos foram demitidos por serem associados ao partido Baath, além disso quando os EUA colocaram no governo o xiita Nouri al-Maliki, o mesmo instaurou uma política de perseguição e fomentou a divisão entre os sunitas e xiitas. Acredita-se que boa parte das fileiras do ISIS é de indivíduos que lutaram na batalha contra os Estados Unidos, quando o Iraque foi invadido.

No ano de 2011 na Síria, após o governo da minoria alauita (uma ramificação xiita) reprimir violentamente os sunitas, uma guerra civil começou a ser travada entre Assad e a oposição, o que ocasionou uma violência sectária, em que o ISIS identificou

uma oportunidade de recrutamento e expansão de seu território, pois foi notado pelo grupo um vácuo de poder e a desestabilização dos governos locais.

Como apontado por Fuji (2015, p 6) “(..). o conflito na Síria deve ser visto dentro de um contexto histórico mais amplo, marcado pelas divisões sectárias no país, incluindo a distorção existente na distribuição do poder há mais de 40 anos.” Com o controle do governo central pela minoria Alauíta, na década de 50, parte considerável da população começou a questionar a legitimidade, sentimento que perdurou até a Primavera Árabe.

Em meio à guerra civil que eclodiu na Síria, entre a oposição e o regime de Assad, o ISIS despontou como uma terceira força, avançando no teatro de operações contra as Forças Armadas Sírias e os rebeldes, de modo que em determinado estágio do conflito conseguiu ocupar 35% do território Sírio (FAYAD, 2015).

O Estado Islâmico é considerado um grupo fundamentalista com base no salafismo, tendo uma visão ultraconservadora do Alcorão com práticas que remontam ao Islã do último século XII. Fuji (2015) relata que o grupo não tinha como objetivo principal a derrubada do governo de Assad, mas sim a conquista territorial, para a consolidação do Califado<sup>3</sup>, entretanto considerava os demais grupos que não lhe jurassem lealdade como inimigos, até mesmo a organização terrorista Al-Qaeda, onde o mesmo teria surgido.

## **8 LIMPEZA CULTURAL**

Embora já citado no início do trabalho (p.2) o termo “limpeza cultural” será utilizado novamente neste artigo, no ano de 2001, a comunidade internacional ficou estarrecida pela destruição dos Budas de Bamiyan, localizados no Vale de Bamiã, a 240 km de Cabul, a mando do Taliban. Mais de uma década depois, o mundo voltou a assistir a destruição do patrimônio cultural, só que agora pelo Estado Islâmico, grupo terrorista

---

<sup>3</sup> O termo "califado" em árabe significa, literalmente, o processo de escolher um líder no caso o califa para muçumanos ao redor do mundo. Historicamente o califado sistema de governo que começou após a morte do profeta Mohamed. O último califado foi o Império Otomano, e foi abolido pelo nacionalista e secular líder turco Mustafa Kamal Ataturk. (BBC, 2014).

que tinha como objetivo a criação de um califado, na região da Síria e do Iraque, promovendo diversos crimes contra a humanidade e uma verdadeira ‘Limpeza Cultural’, com a destruição de importantes patrimônios culturais.

Sobre o pretexto de que “todas as estátuas e tumbas não islâmicas eram consideradas ofensivas ao Islã”, na data de 11 de março de 2001, o Talibã dinamitou os grandes Budas de Bamiya. De acordo com Farjado; Lopez; Estrada (2017, p.5), “houve vingança pelas sanções impostas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas em 2000 e a destruição de monumentos islâmicos, como a Mesquita Babri em Adyodhya pelos hindus no ano de 1992”. Além desses motivos, também se trataria de uma demonstração de força, diante da recusa do Ocidente em reconhecer o Emirado Talibã (FARJADO; LOPEZ; ESTRADA, 2017).

Os atos do Estado Islâmico eram cuidadosamente planejados e coreografados para que pudessem causar o maior impacto possível. Os diversos sítios arqueológicos foram devastados em verdadeiros espetáculos de destruição nas áreas controladas pelo ISIS, nas regiões da Síria e do Iraque. Tais atos foram considerados como marca registrada do grupo terrorista, em suas performances, aumentando a sua popularidade. As cidades de Palmira, Nimrud, Hatra, e o Museu de Mossul, santuários e locais sagrados, e tantos outros patrimônios culturais se tornaram alvos dos terroristas. O caso mais emblemático e assustador se deu com o assassinato do chefe de departamento de antiguidades de Palmira (PORTO; HORA, 2018).

A Organização das Nações Unidas definiu estes atos como “Limpeza Cultural”, com supostamente o objetivo de combater as religiões pré-islâmicas, pois se consideram seguidores da vertente radical da Sharia, lei islâmica. De acordo com o ISIS, “todos aqueles que não seguem as diretrizes dos grupos são considerados infiéis e devem arcar com as consequências” (PEREIRA; PAZ, 2018).

Segundo PORTO et al. (2018) “Tais atos podem ser considerados crimes de guerra, por meio dos quais se cria uma conexão entre a destruição do patrimônio e a aniquilação de povos minoritários, conectadas aos seus patrimônios destruídos”. Os ataques, do Estado Islâmico tem como objetivo a destruição de importantes sítios arqueológicos, que ficaram conhecidos por serem berço das civilizações. Diante disso os alvos ganham dupla importância, tanto pelo impacto midiático que sua destruição ocasionara, como também por supostamente representarem contra a fé islâmica.

A cidade de Hatra, Patrimônio Cultural da Humanidade reconhecido pela UNESCO, foi destruída por esse grupo fundamentalista por conter imagens de deuses pagãos, segundo extremistas seguidores da vertente radical da sharia, lei islâmica. (PEREIRA e PAZ, 2018, p. 12).

Localizada a nordeste da capital Damasco, Palmira seria para muitos viajantes no mundo antigo um verdadeiro oásis no deserto. Lá são localizadas ruínas monumentais do que um dia foi um dos centros culturais mais importantes do mundo antigo (UNESCO). Seu nome oficial na Síria é Tadmor, que significa “Cidade das Tâmaras”. A cidade passou a ser ponto de exuberância e luxo, mesmo no meio do deserto, por ter um comércio de especiarias, seda, perfume, marfim e estátuas e trabalhos de vidro fenício (DW, 2017).

Palmira fazia parte de um importante rota comercial que ligava a Pérsia, Índia e a China ao Império Romano, sua arquitetura tinha traços greco-romanas, em conjunto com traços locais, além de influências persas. Segundo a UNESCO os seus principais monumentos públicos seriam: o Templo de Ba'al, o Campo de Diocleciano, a Ágora, o Teatro, outros templos, além de áreas e quartos.

De acordo com Ella Mudie (2018), apesar de cidade de Palmira está envolvida no conflito desde 2012, foi a destruição do templo pagão de Baalshamin de aproximadamente 2.000 anos, que causou espanto na comunidade internacional. O autor atenta para a importância de patrimônios como Palmira considerando “Como um repositório de memórias multiculturais coletivas e identidade em conflito com a ideologia monocultura do ISIS, que por sua vez atua como uma provocação para seus ataques”.

Segundo BOKOVA (2015) A destruição do patrimônio cultural põe em xeque a unidade nacional e a reconciliação entre os povos, pois, de acordo com a diretora, a herança materializada seria o “orgulho do povo sírio”, responsável pela criação do imaginário e sentimento de nação. De acordo com posicionamento da UNESCO (2015), limpeza cultural sistemática que aflige as sociedades na Síria e no Iraque”, através da destruição do seu patrimônio e do tráfico ilícito.

Através das redes sociais, o grupo propagava os atos, com a ajuda de boa parte da mídia ocidental, “reforçando a ideia de que as ações cometidas pelo ISIS se tratavam de

um ‘choque de civilizações’, pois o Estado Islâmico atingia o berço da civilização ocidental” (PORTO; HORA, 2018). Um dos principais objetivos com tais atos era de divulgar sua ideologia, algo que em certo momento foi até bem-sucedido, conseguindo recrutar jovens de origens muçulmanas que residiam na periferia de grandes centros urbanos na Europa Ocidental (WALTON, 2014).

Segundo Porto (2018), tanto a cidade de Palmira, quanto todos os seus monumentos foram destruídos com o intuito de destruir também as comunidades minoritárias que tinham alguma ligação direta com esses patrimônios culturais. Além da destruição, foram relatados furtos de estátuas, mosaicos, manuscritos, figuras, bustos em pedra e outros tantos artefatos históricos, que ajudaram o ISIS a manter sua campanha militar através da venda no mercado negro (FARJADO; LOPEZ; ESTRADA, 2017).

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a analisar a proteção do patrimônio cultural, tendo como objeto as destruições ocasionadas pelo Estado Islâmico no Iraque e especialmente em Palmira na Síria. Pode-se observar que diante de tantos conflitos, a comunidade internacional se mobilizou através de várias convenções para buscar a proteção do patrimônio cultural, visto como um importante representante da memória da humanidade.

O Iraque, um país rico em petróleo, viu a sua estrutura social se desintegrar diante de intensos conflitos, que o transformaram em apenas uma memória do que um dia foi, com uma população dividida e marcada pela pobreza e violência. Já a Síria, governada há décadas por uma mesma família, em um sistema ditatorial, se surpreendeu com a onda da Primavera Árabe, e com a esperança de um novo governo. Entretanto, a realidade que se abateu foi de uma sangrenta guerra civil, resultando em milhares de mortes e feridos. O contexto geopolítico dos dois países ajudou a preparar o território perfeito para o surgimento e fortalecimento de diversos grupos terroristas como o Estado Islâmico.

Por fim, a destruição intencional do patrimônio cultural, seja ele qual for, se configura como um grave crime contra a humanidade, pois se apaga ali uma memória, uma história. O grupo autoproclamado Estado Islâmico do Iraque e Levante, aqui intitulado apenas como Estado Islâmico ou ISIS, se mostra não como fiéis representantes da religião muçulmana, mas sim como um grupo de oportunistas, escondidos através de preceitos da fé islâmica, distorcendo doutrinas e empregando o terror, como forma de alcançar os seus objetivos. Apesar de estar bastante enfraquecido e não representar a ameaça que um dia representou não se deve subestimá-lo. Entretanto, a história se mostra mais forte que bombas e destruição não se apagam tão facilmente uma memória, nem se limpa uma cultura, de milhares de anos O patrimônio pode até cair, mas a história e a memória continuarão.

## REFERÊNCIAS

BARATA, Maria João. **A OPOSIÇÃO SUNISMO/XIISMO ENQUANTO FONTE DE TENSÃO E CONFLITO NO MÉDIO ORIENTE CONTEMPORÂNEO,**

Coimbra, p. 1 -17, 2 jul. 2007. Disponível em: <http://dspace.ismt.pt/handle/123456789/245>. Acesso em: 14 maio 2021.

CALFAT, Natalia Nahas. **O Estado Islâmico do Iraque e do Levante: fundamentos políticos à violência política**. Conjuntura Austral, Porto Alegre, RS, v. 6, n. 31, p. 6-20, set. 2015. ISSN 2178-8839. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/53819>>. Acesso em: 21 maio 2021. doi:<https://doi.org/10.22456/2178-8839.53819>.

CARDOSO, André Filipe da Silva. **Estado Islâmico e a destruição de patrimônio: um discurso da imprensa “ocidental”**. Universidade de Coimbra. v. 1. São Paulo, 2017.

CHOMSKY, Noam. **Verdades e mitos sobre a invasão do Iraque**. Socialist Register, 2004. Disponível em: <[http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/social/2004pt/07\\_chomsky.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/social/2004pt/07_chomsky.pdf)>. Acesso em: 21 maio 2021.

COCKBURN, Patrick. **A origem do estado islâmico: o fracasso da “guerra ao terror” e a ascensão jihadista**. Verso Books. São Paulo, 2015.

DW. "Estado Islâmico" volta a destruir monumentos históricos em Palmira. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/estado-isl%C3%A2mico-volta-a-destruir-monumentos-hist%C3%B3ricos-em-palmira/a-37211770>. Acesso em: 27 abr. 2021.

FAJARDO, María Esther Morales; LÓPEZ, Marcos Mejía; ESTRADA, Araceli Galeana. **Terrorismo y Patrimonio Cultural: destrucción y recuperación de los Budas de Bamiyán y del Sitio de Palmira**. Revista de la Facultad de Arquitectura de la Universidad Autónoma de Nuevo León, México, 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=353652711004>. Acesso em: 15 mai. 2021.

FUJII, William. **O estado islâmico e o xadrez geopolítico dos conflitos na Síria e no Iraque**. São Carlos – SP, 2015.

GUEVANE, Eleutério. **ONU encoraja preservação do patrimônio cultural sírio e iraquiano**. EBC, [S. l.], p. 1 - 1, 8 set. 2015. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/internacional/2015/09/onu-encoraja-preservacao-do-patrimonio-cultural-sirio-e-iraquiano#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Unesco,patrim%C3%B3nio%20e%20do%20tr%C3%A1fico%20il%C3%ADcito>. Acesso em: 20 maios 2021.

HARASTA, Jesse. **A história de Separação entre Sunitas e Xiitas: Compreender as Divisões no seio do Islão**. Editora Kindle. São Paulo, 2017.

HARTOG, F. **Time History and the writing of History: the order of time**. Estocolmo, v. 37, 1996.

ICOMOS, 1990I. (1). **Carta de Lausane: Carta para a Proteção e Gestão do Patrimônio Arqueológico**, 1990. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Lausanne%201990>

0.pdf. Acesso em: 14 maio .2021.

LAURIA, Bianca Vince; SILVA, Henrique Roder; RIBEIRO, Poliana Garcia. **O Estado Islâmico. Série Conflitos Internacionais**. V.2, n. 2, abril, 2015.

LE GOFF, Jacques. **“Memória”**. In: História e Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

MUDIE, Ella. **Palmyra and the radical other on the politics of monument destruction in Syria**. *Otherness: Essays and Studies*, v. 6, n. 2, p. 140-160, 2018.

NASSER, Reginaldo. **O Que Move o Estado Islâmico?. Carta na Escola**. São Paulo, Ed. 92, Nov. 2014. Disponível em: <<http://www.cartanaescola.com.br/mobile/single/469>>. Acesso em: 13 fev. 2015

NOAM Chomsky on ISIS. [S.L.:s.n] 2015. 1 vídeo ( 6 min). Publicado pelo canal Parlio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h1yM5z0EOps>. Acesso em: 18/05/2021.

NORA, P. *et al.* **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

O Globo. **Conheça a História de Palmira, pérola síria recuperada do Estado Islâmico: Patrimônio da Humanidade da Unesco, cidade histórica cresceu sob domínio romano**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/conheca-historia-de-palmira-perola-siria-recuperada-do-estado-islamico-21003660> Acesso em: 27 abr. 2021.

OCON, Jorge Elices. **Estátuas antigas em contextos islâmicos: o discurso de DAESH – a resposta à história**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472020v40n84-10>> Acesso em: 27 abr. 2021.

PEREIRA, João Rodolfo Lopes; PAZ, Claudio Damaceno. **IRAQUE E AS AÇÕES DE PROTEÇÃO AO PATRIMÔNIO CULTURAL MESOPOTÂMICO**. *Revista Memorare*, Santa Catarina, v. 3, ed. 3, p. 246-275, 1 dez. 2016. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare\\_grupep/article/view/4380](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/4380)>. Acesso em: 25 mar. 2021.

PORTO, Vagner Cavalheiro; HORA, Juliana Figueira. **PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NA SÍRIA: DISCUTINDO AS AÇÕES DO ESTADO ISLÂMICO**. *Projeto História*, São Paulo, v. 61, p. 255-282, 2 abr. 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2018v61p255-282>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/35951>. Acesso em: 11 mar. 2021.

POSSAMAI, Zita Rosane. **O lugar do patrimônio na operação historiográfica e o lugar da história no campo do patrimônio**. Anos 90, Porto Alegre, 2018.

SCHIOCCHET, Leonardo. **EXTREMO ORIENTE MÉDIO, ADMIRÁVEL MUNDO NOVO: A CONSTRUÇÃO DO ORIENTE MÉDIO E A PRIMAVERA ÁRABE**.

Revista tempo do mundo, [s. l.], ano 2011, v. 3, ed. 2, p. 38-82, 1 ago. 2011. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6206/1/RTM\\_v3\\_n2\\_Extremo.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6206/1/RTM_v3_n2_Extremo.pdf). Acesso em: 17 maio 2021.

UCHOA, Pablo. **Com duras críticas à invasão do Iraque, relatório oficial britânico ressuscita “fantasmas” contra Tony Blair.** BBC News. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36725962>> Acesso em: 27 abr. 2021.

UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, 1977.** Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>. Acesso em 14 maio de 2021.

WALTON, Jeremy. **The Poverty of Moral Answers to Political Questions: On Perceptions of Islam in the Wake of ISIS.** Jadaliyya. Washington DC e Beirute, 2014. Disponível em: < <http://www.jadaliyya.com/pages/index/19907/the-poverty-of-moral-answers-to-politicalquestion> >. Acesso em: 28 abr. 2021.

YEHIA, Mohamed. O que é um califado: Entenda o anúncio de grupo rebelde. *In: O que é um califado?: Entenda o anúncio de grupo rebelde.* [S. l.], 30 maio 2014. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140630\\_entenda\\_califado\\_an](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140630_entenda_califado_an). Acesso em: 18 maio 2021.

ZAGNI, Rodrigo Medina. **Sangue que não seca: O Estado Islâmico, a crise de hegemonia e as novas estratégias do imperialismo.** São Paulo, 2018.